

VISÃO

Visão do Residente de Pneumologia O tempo perdido

Bruna Provenzano¹

Primeiro de março de 2020, início de um novo ano de residência em todo o Brasil. No meu caso, iniciando a terceira especialização e dessa vez, em pneumologia. A expectativa era enorme para um novo ano, com novos aprendizados, uma nova especialização, novas metas, sonhos e uma carreira a ser construída. São apenas dois anos, não temos tempo a perder.

Onze de março de 2020, a organização mundial de saúde declara estado de pandemia do novo coronavírus. Pausa.

Em menos de quinze dias, todas as atividades de residência médica sofreram mudanças e foram interrompidas. Afinal, algo inevitável estava prestes a acontecer: a pandemia chegou ao nosso país. A estimativa otimista já era pessimista. Os números estrangeiros eram exorbitantes. As notícias de fora do país eram assustadoras. E por que aqui também não seria? Quem vive o sistema único de saúde do Brasil já convive com o caos dos hospitais lotados e a falta de recurso. Com que esperança poderíamos abraçar esse mundo de pessoas doentes?

Durante toda a história, profissionais de saúde estiveram à frente das ações de combate às pandemias. Nessa nova crise não seria diferente. Toda e qualquer ajuda é sempre bem-vinda e necessária e o papel do residente não seria outro que não fosse estar presente e participar da melhor forma possível. As atividades oficiais foram interrompidas, dando lugar a novos papéis. Atender na emergência os novos casos, participar da triagem respiratória, trabalhar nos centros de terapia intensiva. Na verdade, aonde foi necessário, fomos alocados.

Um, dois, dez, mil contaminados. Em paralelo ao aumento do número de casos na população, também crescia os números entre os residentes. O medo, a incerteza e a insegurança duelaram forte contra o senso de responsabilidade social e o pertencimento a um projeto muito maior: socorrer àqueles que necessitam. As linhas de frente eram muitas: desde triagem na policlínica, aprendendo a fazer ultrassom pulmonar e a entender as principais queixas desses pacientes; até a insuficiência respiratória, intubação orotraqueal e aprender a manejar um paciente crítico.

Sim. Aprender. Mesmo nesse cenário de trabalho excessivo tanto físico quanto mental, houve espaço para aprender. Aprendemos que somos responsáveis por muitas vidas como a da Maria, mãe de uma colega médica que foi internada no nosso CTI. Aprendemos a falar por telefone com famílias desesperadas. Aprendemos a dar a mão àqueles que não conseguiam respirar direito. Aprendemos a trabalhar em equipe com pessoas que nunca vimos antes, de especialidades e de áreas diferentes, do dia para noite.

Não. Não foi fácil. Acordar todos os dias e não ter a certeza de quando seria a minha vez de me contaminar. E se eu não sentisse nada, será que eu passaria para minha família? Não foi fácil me isolar e não ter minha família por perto. Não ter minha mãe para me abraçar quando perdi a Miriam, funcionária do hospital, ou ter minha irmã para comemorar comigo quando a Maria foi para casa.

O tempo foi passando e os dias correndo como que sem controle. E o que será desses meses perdidos longe da minha especialidade? Será que vamos recuperar? Não. A pausa era o tempo acelerando e ele passou. Mas não foi perdido. Foi conquistado, repleto de crescimento e amadurecimento, e a certeza que ser médico, seja qual for a especialidade, é saber que nem sempre vamos curar, mas que a todo momento iremos consolar e cuidar.

Aprendemos acima de tudo a ser humanos, pois sem isso, de nada serve a especialidade, nem mesmo a medicina.

1. R1 de Pneumologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).